

Dina Arce

A última
AMAZONA



Arce, Dina.

A Última Amazona / Dina Arce ; Ilustrações de César Fernandes – 2 ed. – Manaus: Associação PanAmazônia, 2016.

48p.

ISBN 978-85-65770-05-7

1. Literatura infanto-juvenil I. Fernandes, César II. Título.

CDD 028.5



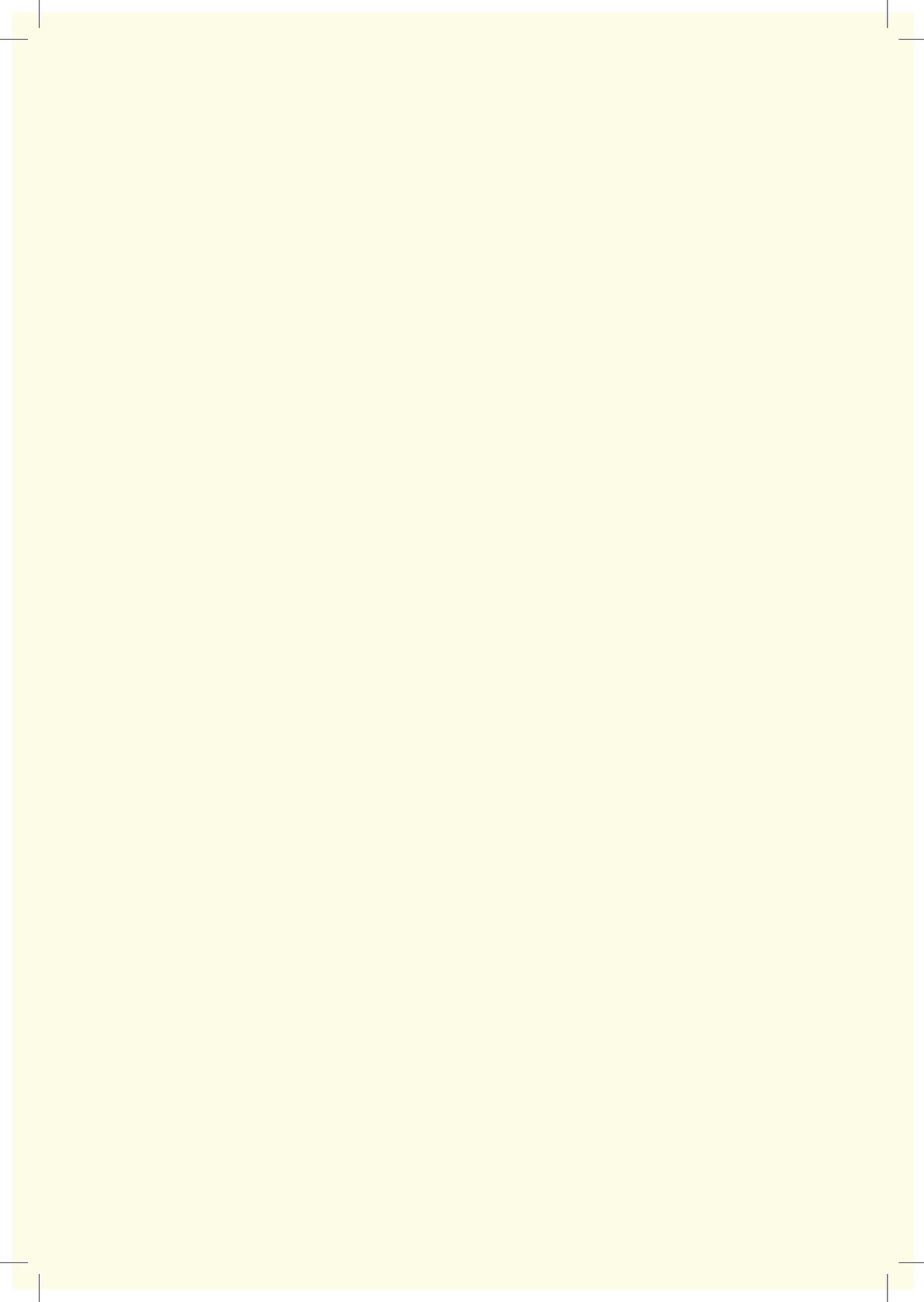
Dina Arce

A última
AMAZONA

PREFÁCIO DE
Ritta Haikal

ILUSTRAÇÕES DE
César Fernandes





PREFÁCIO

*“Entre o mistério do rio e a lenda da mata,
a exuberância da região amazônica.”*

Ao abrir este pequeno livro, o leitor será envolvido, de imediato, pela curiosidade e pelo sentimento nativo de descoberta da selva e seus mistérios.

O enredo e os personagens constituem o retrato da Amazônia e de suas riquezas, lendas e paisagens. Aí, a floresta, mística e grandiosa, com mistérios inexplicáveis, é o cenário das aventuras de LIA, indiazinha amazônica, única sobrevivente de sua tribo, a quem estava reservada, em situação contraditória, tanto a missão de salvar a vida de JOSÉ, cearense vítima da malária e encurrulado por circunstâncias adversas, quanto restabelecer a ordem natural de sobrevivência dos seres da região.

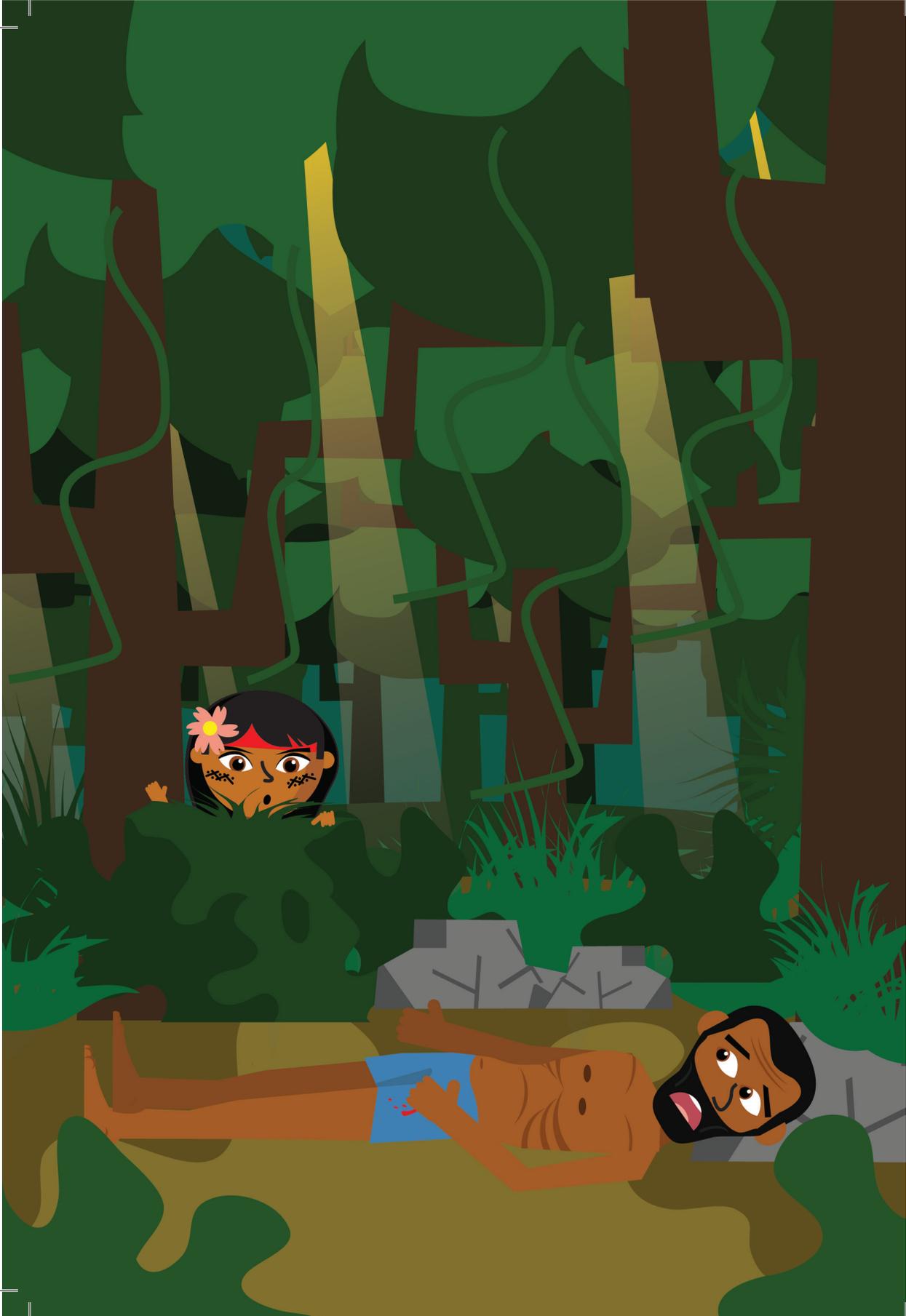
ÇAÇA, a tartaruga, e MUI, o sapo, são os amigos dessa indiazinha, cujo incipiente conhecimento da selva e seus mistérios conseguiu conduzir José de volta à família.

O leitor deixa-se envolver pelo clima de mistério desta “majestade verde, soberba e enigmática”: a Amazônia.

DINA, a autora, compõe uma obra de conteúdo diversificado, porque ora nos contempla com referências à flora e à fauna local, ora nos gratifica com singular conhecimento de costumes e lendas indígenas, muitas de fascinação incrível.

A ÚLTIMA AMAZONIA é magia e encantamento. É o retrato da luta pela sobrevivência, no Interior agreste, de cearenses, anônimos desbravadores, alimentados pelo sonho de uma vida melhor. Constitui, ainda, o resgate de nossas lendas e mitos, a par da convivência com o homem branco e a civilização, a alimentar nosso imaginário com ação cheia de vida, de amor, de solidariedade e de sabedoria.

Ritta Haikal



Deitou-se no meio da mata e a chuva caiu sobre ele. Já não sentia frio, já não sentia nada. Pensou em sua mãe e nas promessas que havia feito quando saiu do Ceará.¹

Dialogando com a selva, perguntava a ela que mal havia feito para merecer esse destino. A Amazônia não lhe trouxera nada e mostrava-se sempre como uma inimiga que o conduziria à morte.

Agora, tudo estava prestes a ser enterrado com ele, em solo tão diferente daquele onde nascera.

Ele, que sempre enfrentara os perigos da selva, sentia-se vencido e já não via a hora de chegar o seu fim.

“Que no decorrer da noite, a malária² me atormente pela última vez e que eu não mais acorde.”

Ao amanhecer, os raios finos, ao atravessarem as copas das árvores, vieram alertá-lo de que ainda vivia. E a luz na escura mata revelou o olhar negro puxado de uma criança, que o observava e aparentava ser indígena. Pensou ser mais um pesadelo amazônico, uma alucinação.

A criatura, com sua pequenina mão, levantou-lhe a cabeça e com a outra deu-lhe água para beber em uma cuia.

Em transe, acordava e desfalecia novamente. Agora, com aquela criança ao seu lado, que lhe trazia, além de água, umas misturas para beber.



1. Houve grande migração de nordestinos para a Amazônia, muitos oriundos do Ceará. Eram mão de obra barata utilizada na extração da borracha, os famosos “seringueiros”.
2. Malária: A malária é uma doença infecciosa febril aguda, causada por protozoários, transmitidos pela fêmea infectada do mosquito Anopheles. Apresenta cura se for tratada em tempo oportuno e adequadamente.

José conseguiu melhorar e recobrar a consciência. Isso foi suficiente para ficar de pé e seguir a criança que apareceu do nada e dele passou a cuidar.

Não sabia se era menino ou menina, até perceber que a criança gostava de enfeitar os cabelos com flores. Decerto, pensou, é uma indiazinha!

Era uma menina forte, cheia de energia. Corria muito, familiarizada com a selva, com cuias e cordões amarrados ao corpo e um pequeno arco acomodado às costas. Pulava os galhos e agarrava-se aos cipós com muita desenvoltura, enquanto José se arrastava e, com os pés repletos de espinhos, tentava segui-la.

A indiazinha gritava, sorria, chamava por algo ou alguém, olhando para cima. Depois, cansada, sentava-se debaixo de uma árvore, cobria-se com terra e folhas e lamentava-se sem escorrer qualquer lágrima, apenas falava um idioma que José jamais chegou a compreender.

“Seja o que for que você esteja pedindo aos céus, junto meu coração ao seu, pequenina. Que nossas dores sejam aliviadas.”

Ao mesmo tempo em que passava essas palavras em sua mente, José gesticulava e pedia que ela lhe mostrasse a direção do rio. Felizmente, quando caiu pedindo a morte, já estava perto do rio e as cuias de água trazidas pela pequena vinham diretamente do caudaloso rio Negro³.

E José não pôde acreditar quando finalmente o avistou. Ajoelhou-se à beira do rio e agradeceu a Deus por ter enviado aquela indiazinha para salvá-lo. O seu coração encheu-se de esperança e vontade de viver, como se tivesse nascido de novo.



3. O rio Negro é o maior afluente da margem esquerda do rio Amazonas, na Amazônia. É o mais extenso rio de água negra do mundo, e o segundo maior em volume de água — atrás somente do Amazonas, o qual ajuda a formar.

Quando a euforia abrandou, pensou no que poderia ter acontecido com a indiazinha. Sabia que era algo trágico. De onde teria vindo e para onde estaria seguindo?

Pedi-lhe que fosse com ele para casa, que ficava descendo o rio. Ela não aceitou de imediato e mostrou-se desconfiada no início, mas seu consentimento era confirmado a cada passo que dava, seguindo os de José, que quase não se aguentava em pé. A pequena não queria abandoná-lo naquele estado. Assim, os dois seguiram para a casa do sobrevivente.

Na Vila de Iranduba⁴, já não havia esperanças de achá-lo vivo. Eram muitas as histórias de pessoas perdidas na mata e que nunca mais voltaram.

No dia em que se perdeu, José havia saído para caçar e entrou mais na mata do que o habitual, de forma que não conseguiu achar o caminho antes do anoitecer. Maria, sua esposa, pedia aos seus cinco filhos que fizessem buscas todos os dias.

Mas, já passados dois meses, não havia mais esperanças.

No entanto, para surpresa de todos, José chegou à Vila de Iranduba, esquelético, mais parecendo uma assombração. Maria, ao vê-lo jogar-se no passeio⁵ da casa, gritou como se ele fosse uma misura⁶: Meu Deus! Meu Deus!

Ver seu marido, moribundo, de mãos dadas com uma criaturinha suja e selvagem, naquela escuridão do Interior do Amazonas, era assustador.



4. Vila de Iranduba: nome que era dado ao Município de Iranduba, antes de ser elevado à categoria de Município em 10 de fevereiro de 1981.
5. Passeio: varanda da choupana ribeirinha.
6. Misura: fantasma, espírito.

Após ver que era mesmo José, tratou de desprender a mão dele das mãos da pequena índia e gritou, chamando os filhos.

— Por Deus, acudam! Seu pai está quase morto! Acudam!!!

Colocaram José para dentro da casa e ele ficou de rede por mais de uma semana. A malária ainda o afligia e ele parecia ter um espinho para cada poro de seu corpo.

A família não afugentou a indiazinha, mas não deixavam que ela entrasse na casa. Assim, enquanto José se recuperava, Lia morou no passeio. Como um cão de guarda, ela ficava espiando pela janela ou pela fresta, entre as tábuas, o que se passava com José, a quem ela já se havia apegado. Naquele passeio, ao relento, Lia tinha a companhia do que lhe sobrara de sua aldeia, uma iaçá⁷ e um sapo, que ela trazia consigo. A iaçá foi dada por sua avó, que a chamava de Çaçã; o sapo, pela sua mãe, que o batizou de Muiraquitã⁸. Lia apelidou-o de Mui.

Lia carregava-os sempre consigo: a tartaruga, na bolsa de cuia; e o sapo, na bolsa de casca de cupuaçu⁹. Carregar os dois na mesma bolsa, não era boa ideia, porque acabariam, como sempre, brigando.

Quando os homens maus entraram em sua aldeia, o sapo Mui, saltando muito depressa, avisou Lia sobre o perigo, e Çaçã teve a ideia de escondê-la em um pote de barro. Tudo foi destruído, queimado e morto. Só haviam sobrado Lia e seus dois amigos. Sua avó e mãe tinham partido para o Céu, para a companhia de Tupã¹⁰. Exploradores, caçadores, madeireiros? Não se sabem os detalhes, apenas que eram homens cruéis.



7. iaçá: tartaruga de água doce.
8. Muiraquitã: Amuleto em forma de animais, o mais usado é em forma de sapo.
9. Cupuaçu: fruto de uma árvore originária da Amazônia, de casca em forma de cápsula e muito resistente.
10. Tupã: manifestação de Deus para os indígenas.



Quando José se recuperou, começou a perguntar: Cadê a menina? Cadê a índiazinha?! Cadê?!

Maria, com um tom duro, respondeu: De quem estás falando? Por acaso é da índia que mais parece um bicho e que não se afasta do meu passeio?

José, muito aborrecido, virou-se para Maria: — Mulher você é merecedora de um castigo! Como pode ser tão má! A criatura que está no passeio salvou minha vida. Devo tudo a ela. Larga mão de ser ruim e deixa que ela entre.

Maria, tentando justificar-se, dizia: Como eu iria adivinhar?! Você me volta para casa em um estado lastimável, como posso adivinhar tudo quanto aconteceu com você?!

— É uma criança! Uma criança, Maria! Será que a pobreza e a fome te confundiram a cabeça e acabaram com teu coração de vez?

— Para mim, é só um índio. São como bichos! Vivem e comportam-se feito bichos. Maldita hora, que vim parar aqui! Podia ter arranjado um casamento melhor.

E, nessa discussão, Maria emendava a falar que era descendente de europeus, com orgulho, e fazia grande esforço para comprovar isso e demonstrar sua superioridade.

— Deixa de leseira! Somos todos iguais, mulher! Entra, pequena! gritou José várias vezes. Sem resposta, foi buscá-la no passeio. Trouxe-a para dentro. Nesse mesmo momento, seus filhos chegavam do trabalho na várzea.¹¹



11. Várzea: faixa de terra alagável nas margens dos rios. Usada para agricultura por ser rica em nutrientes.

— Que bom que chegaram! Quero que todos saibam que esta indiazinha faz parte da família daqui por diante e quero que ela seja tratada com todo carinho e respeito. Ela salvou a minha vida e lhe seremos gratos por toda a vida. Sem ela, jamais acharia o rio e o rumo de casa.

O silêncio instalou-se entre eles. Ninguém disse nada.

José virou-se para Lia e disse-lhe: Você é a filha que eu não tive. Seirei seu pai, cuidarei de você para sempre, minha pequena, para sempre. Vamos chamá-la de Otília, nome da minha querida avó. Que acham? O silêncio ainda imperava.

Certo, está certo... Amanhã cedo vamos levá-la à igreja para cuidar do batismo. E assim surgiu seu nome, que, no decorrer dos dias, virou Lia, como era apelidada a avó de José, Dona Lia. A indiazinha passou a morar com a família, como era o desejo de José, mas os demais membros não eram gentis e ignoravam-na. Do seu pai, ganhou uma rede e um baú de madeira para guardar suas coisas.

José matriculou Lia em uma escola recém-instalada na Vila de Iranduba, que era dirigida por uma missão católica¹². Queria que Lia aprendesse a ler e a escrever.

Eles sempre a repreendiam para que não falasse em sua língua nativa e se esforçasse para aprender o português. Ela tentava, mas o português parecia muito difícil.

Mui e Çaçá tinham de ficar bem quietinhos na sala de aula, porque não era permitido levar animais para a classe. Uma vez ou outra, eles saíam das bolsinhas para dar uma olhada no dever de Lia e ajudá-la.

— O que é *Deeus*? perguntava Lia.



12. Missão católica: tinha o objetivo de evangelizar e educar os moradores locais.

— Deus!, Cunhantã¹³, é Tupã! disse Mui.

— Mas nem pense em repetir isso, advertiu Çaçã.

— *Paaai, paaii, paai*. O que é isso, Mui? Eu não sei o que é *paai*! Dizia e perguntava Lia.

— Pai também é como Tupã. Para os brancos, é o homem que cuida e ajuda a criar os filhos, que guarda a casa, respondeu o sapo.

— *Homein*, o que é *hoomein*?

— Homem! Calma, Cunhantã. Com o tempo, você vai aprender. Só o tempo pode explicar o novo mundo que se apresenta a você, completou Çaçã.

Certa vez, chegou a hora de Lia rezar. Ao invés de falar *Pai Nosso que estais no céu*, disse: *Tupã que estais no céu*. Foi repreendida em coro: — *Pai nosso que estais no céu*! Teimosa como era, sem seguir as advertências, continuou: *Tupã que estais no céu*, desuniu as mãos e as ergueu em direção aos céus, prosseguindo em sua língua nativa. Foi interrompida pela mãe, que a puxou pelo braço e a levou para o castigo. — Ler e escrever o Pai Nosso vinte vezes. Lia soltou-se das mãos da mãe, rasgou, livrou-se do seu vestidinho branco, jogou seu par de sandálias para o alto e correu para casa.

Caindo a noite, seu pai, José, e irmãos chegaram a casa do trabalho. Lia estava na beira do passeio, tecendo, com palha, uma esteira.

Como já estava na hora do jantar, todos se reuniram à mesa para comer. José, cabisbaixo, relatou que o padre tinha reclamado de Lia por ter sido rebelde no colégio, e havia informado que, se ela continuasse assim, não seria mais aceita na classe.



13. Cunhantã: menina, garota.

Aa Bb Cc



Um dos irmãos disse: Pudera, pai! Essa menina não consegue segurar nem uma colher; come com a mão! Como pode aprender a pegar um lápis, se tem comportamento de bicho? Lia, muito raivosa, pegou o prato com pirão¹⁴ e jogou no rosto do irmão.

— Meu Deus! Veja como se comporta, disse Maria, agitada e raivosa com a atitude da menina.

— Filha! O que é isso?! Só quero o seu bem. Seu irmão está errado de falar assim, mas você precisa aprender a se comportar. De onde vem tanta violência? Só quero que você tenha um futuro melhor. Ou você acha que eu gosto da vida que levo e dou para minha família? Não sei ler nem escrever, sou um pobre coitado, de vida miserenta, que saiu das terras secas do Ceará para as encharcadas do Amazonas, em busca de sobreviver. Não quero o mesmo destino para os meus filhos. Hoje, temos sorte de os missionários virem alfabetizar as crianças na Vila. Devemos ser gratos.

— José! Meu Deus! Ela é uma índia. Se é ruim para nós, imagine para ela que é um bichinho do mato. Livre-se dela. É mais uma boca para comer. Daqui a pouco cresce e tem um punhado de filhos para dar mais despesas.

— Cale-se, mulher agourenta! Cale-se, dizia José, com os olhos cheios de lágrimas, fitando Lia.

Lia saiu correndo da casa. Triste, pensava que, se permanecesse ali, continuaria a decepcionar seu pai.

Então, perdeu-se na mata, não como José, mas como alguém que queria livrar-se daquelas sensações que a vida na Vila de Iranduba lhe causava. Seu coração permaneceria sempre com seu pai, mas era preci-



14 Pirão: papa de farinha de mandioca.

so ganhar distância daquele mundo estranho. Consigo levou Çaçã e Mui nas bolsinhas, e seu arco e flecha. Subiria o rio, como estava fazendo antes de encontrar José.

— Vamos, amigos! Precisamos seguir, disse Lia.

— Tem certeza, cunhantã? Pai José vai sentir sua falta, e a vida é assim mesmo, nem sempre doce, minha linda, disse Çaçã.

— Sim, Caça, temos de buscar o nosso destino, e nossa vida é na floresta. Chega de português, de vestidos e de amarras para os pés!

— Poxa, aqui estava tão bom! disse o galante sapo Mui, que havia arranjado algumas namoradas na vila.

— Não lamente, Don Juan! Na primeria curva do rio, você já as terá esquecido, disse Çaçã, rindo.

— Felizmente, não sou uma tartaruga! Porque uma curva em um rio, para você, equivale a uma eternidade! gargalhou Mui.

— Devagar e sempre, meu caro sapo, devagar e sempre!

— Sempre devagar, Çaçã! Ha! Ha! E lá estava o sapo a gargalhar. Se não fosse Lia a carregã-la, não chegaríamos a lugar algum.

— Carregar-me?! Só a mim? Você dorme como uma preguiça nessa sua casinha de cupuaçu, retrucou Çaçã.

Ficaram implicando um com o outro até perceberem que Lia deixava escorrer uma lágrima solitária, que desenhou um caminho em seu rosto. Os dois fizeram silêncio e respeitaram a tristeza da pequena. Seria a primeira vez que brotava água dos olhos da indiazinha? Talvez.

— Onde está mamãe nessas horas? Não aguento ver cunhantã assim, disse Mui. Çaçã, também preocupada com o ânimo da pequena, elevou suas preces a Tupã.

E a menina seguiu pela mata com seus dois amigos. Estava perdida em seus sentimentos, sentia saudades da avó, da mãe e, agora, também do seu pai José.

Andando à beira do rio Negro, ouvia um barulho de movimentação que, a cada passo, se tornava mais alto.

Lia subiu nas árvores com a ajuda dos cipós e foi seguindo o som. Lá do alto, pôde avistar muitos homens com redes de pesca, encurralando peixes-boi em um lago.

Por Tupã! São caçadores! Vão matá-los! Çaçã e Mui avistaram enormes arpões, terçados e muitas outras armas nas mãos dos caçadores. — Não temos como detê-los! É suicídio, pequena! disse Mui com a voz trêmula.

— Não se preocupem. Fiquem quietos aqui em cima, disse Lia, sussurrando.

— Pequena, tenha cuidado, eles são muitos. Invoque, com o seu coração, a valentia, a coragem e a astúcia que tinham a vovó e a mamãe.

A indiazinha, tomada pelo desespero de salvar os peixes-boi, baixou a cabeça, pensou na sua tribo, elevou seu espírito junto aos seus, agarrou alguns cipós, pegou embalo, saltou na mata e começou a correr desenfreadamente.

Mui, assustado, tentava alcançá-la, afinal os peixes-boi estavam sendo capturados do outro lado da floresta, e Lia corria para o lado completamente oposto.

— Deixe, Mui! gritava Çaçã. Ela está sendo guiada pelas Amazonas, está seguindo os seus instintos.

— Você diz isso porque não pode correr, sua tartaruga preguiçosa! Não posso deixar Lia sozinha, mesmo que seja com os espíritos da vovó



e da *mamaaãe!* gritou o sapo, ao mesmo tempo em que avistava Lia atraindo uma enorme onça.

Lá vinha Lia, chamando a grande onça com os dedos. Mui pulou medrosamente para cima de um galho. Por Tupã! Agora, seremos comidos pela onça.

Lia olhava fundo nos olhos do grande felino, que tentava resistir às ordens da pequena, balançando a cabeça e desviando o olhar. Mas, finalmente, quando os olhos da onça se juntaram aos de Lia, o felino podia ver as Amazonas lutando, flechando, defendendo sua tribo. Viu a força e a valentia das índias e submeteu-se aos comandos de Lia, que lhe ordenou que atacasse os caçadores de peixes-boi.

O felino correu como um leopardo e foi ao encontro dos cruéis caçadores.

Rugiu como Tupã, rasgando o céu. Em um piscar de olhos, todos correram, abandonando as redes e os peixes-boi.

Infelizmente, eles já haviam começado a matança. Os que sobreviveram, eram filhotes. Desesperados, procuravam suas mães. Lia tentou acalmá-los, levando-os para águas mais tranquilas.

A onça acompanhou e observou Lia na margem do rio. Estando os filhotes a salvo, Lia saiu da água e foi ao encontro do grande felino. A onça olhou-a nos olhos e disse que precisava partir. Lia despediu-se dela e agradeceu-lhe profundamente por tê-la ajudado, tocando-lhe o coração.

— Ufa! disse o sapo. Até que enfim a gatinha foi embora. *Nervoosa!*

— Só você mesmo, sapo gaiato, para fazer piada frente à situação. Veja os pobres bebês. Estão desolados sem as suas mães, lamentou Çaçã.

— O que vamos fazer? disse o sapo. O que eles comem? Espero que não seja sapo.



— São mamíferos, seu bobo! Precisam da mãe para sobreviver. Precisam mamar.

Lia estava exausta. Os bebês acalmaram um pouco, mas ainda se ouviam os choros de muitos filhotes.

Os três acamparam à margem do rio, prepararam um jantar com carás¹⁵ assados e chá de preciosa¹⁶. Enquanto comiam, pensavam numa solução para os peixes-boi.

Lia tentou alimentá-los com chá de preciosa em um funil de folha de bananeira, mas era insuficiente. Eles queriam leite, queriam mamar.

Mui, após o jantar, enquanto as meninas descansavam, começou a criar uma viola com pedaços de madeira e fios de cabelos de Lia. Em poucos instantes, lá estava o sapo, cantarolando muito alegre. A música foi providencial e acalmou os filhotes aflitos.

Lia e Çaçá, abraçadas, ouviam as cantigas de Mui. Umas melosas, outras alegres. Músicas que lembravam a casa, a aldeia deles. A paz reinava absoluta, até que Mui resolveu enveredar pelas toadas¹⁷. Çaçá, que estava calma, ficou toda atiçada. E o sapo, muito cheio de si, soltou a sua mais nova composição.



15. Cará: tubérculo, como a batata, inhame ou macaxeira.
16. Preciosa: árvore amazônica; dentre as inúmeras formas de extração e uso, pode se fazer chá da casca do seu tronco.
17. Toada: Ritmo musical, que, na Amazônia, representa os bois-bumbás, sendo os mais famosos os rivais, Boi Garantido e Caprichoso.

*O vermelho da rosa,
É o vermelho do sangue,
É do boi quando roda,
E traduz dança de amantes.*



*Não quer ser cor da guerra,
É o vermelho que espera,
A união das nações
Como o Negro e o Solimões...*



— Garantido! Aposto que farias mais proveito do azul para tuas composições, disse Çaçã.

— Que audácia, caprichosa tartaruga iaçá! Que estás a reclamar do meu vermelho boi-bumbá!

— Tenho gosto pela arte mais elegante, que não permite que eu ouça músicas que incomodem meu ouvido, como toadas desse tal Boi Garantido.

— Parem! gritou Lia. Deixem de discussão. Os únicos bois que nos interessam agora são os filhotes de peixe-boi. Amigos, fiquem calmos e descansem para que possamos acordar com uma solução para eles. Caso contrário, veremos esses bebês morrerem.

Toque algo calmo Mui e deixe de provocar Çaçã.

Assim, Mui continuou a serenata. — Paz e amor, Çaçã! Paz e amor! murmurava o sapo baixinho, enquanto cantava uma música para Mãe Yara¹⁸.



18. Yara: sereia amazônica, que possui o poder de encantar as pessoas. Quem ouve o seu canto não resiste e se joga no rio em busca do mundo encantado. Personagem folclórico e lendário da Amazônia. Entidade protetora dos rios e das águas.

Mãe Yara!
Vem do fundo das águas,
Nos envolve em teu peito,
E em tudo dá jeito
Com teus braços d'água.



Mãe Yara!
Ouve nosso lamento
Não temos mais tempo
Protege e nos guia
Com a linda magia
Dos teus olhos d'água
Mãe Yara ...



Depois da serenata, ouvia-se apenas o som da floresta que embalava o sono de todos.

A Aurora¹⁹ descortinou o céu amazônico aos poucos, espalhou seu véu e deixou uma névoa que pairava no ar. Deu bom dia à Yara, que surgiu, encantadora, à margem do rio. Ao despertarem, ficaram surpresos e curiosos pela presença da rainha das águas.

— Mãe! Minha mãe!

— Lia! Que bom encontrá-la. Ouvi a música e o meu nome que ecoou no fundo do rio. Ouvi seus pensamentos, seus sonhos, sua preocupação.

— Mãe Yara, estávamos no meio da floresta quando nos deparamos com uma caçada aos peixes-boi.

— Uma tristeza, disse Yara, indo em direção ao paraná²⁰ em que estavam os filhotes.

Os bebês foram ao colo da Yara que os acarinhou e acalmou. Eles ficaram quietos, com os olhos angelicais para fora da água. No entanto, ainda era preciso arranjar alimento para todos aqueles filhotes, porque sentiam falta do leite materno.

Yara chamou um boto tucuxi²¹, Alonso, à beira do rio e disse à Lia para seguir em seu dorso ao caminho a que ele a levaria. No final do percurso, ela descobriria a solução.



19. Aurora: amanhecer. Na mitologia romana, era a deusa que anunciava a chegada do novo dia.
20. Paraná: define um braço de rio, um lago, largo e extenso, que forma uma ilha e que encontra o mesmo rio mais adiante.
21. Boto-tucuxi: boto cinza, golfinho da Amazônia.



— Mas, mãe!... Venha comigo! Eu tenho medo...

— Não há razão para temer. Você é uma Amazona, corajosa e forte. Siga em frente, minha cunhantã. Os seus estão sempre contigo. Após dizer isso, Yara seguiu para o fundo do rio.

Çaça segurava a mão de Mui, que, encantado, estava a seguir Yara e prestes a afundar também nas águas.

— Leve-me com você, dizia Mui enfeitiçado. Linda, bela Yara! Leve-me!

— Volte, Mui! dizia Çaça, enquanto o puxava para fora do rio.

O boto, que estava esperando Lia embarcar em seu dorso, rebateu

o sapo com sua calda para fora do rio, jogando-o contra o tronco de uma árvore. Çaçá prontamente agradeceu ao boto a intervenção. Mui ficou alguns minutos vendo estrelas girarem ao redor de sua cabeça.

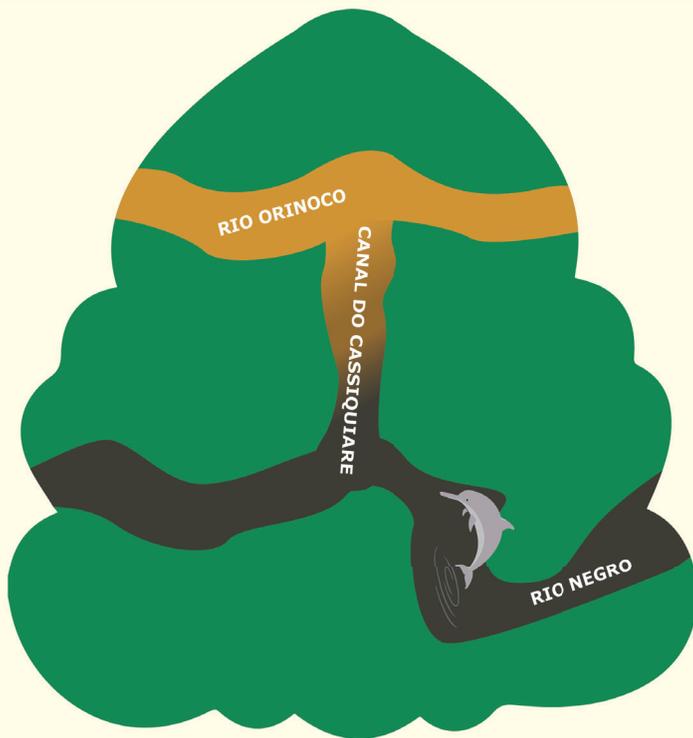
Lia pegou-o pelas pernas, sentou-o em um tronco e pediu que Çaçá também sentasse e escutasse. Naquela pequena reunião, Lia pediu que os dois ficassem com os filhotes, enquanto ela iria buscar ajuda.

— Pode deixar, Cunhantã, cuidarei de todos, disse Mui ainda tonto.

— Tenha cuidado no percurso, minha pequena Amazona, dizia Çaçá apreensiva.

— Isso, tenha cuidado, Cunhantã. Esse boto Alonso é boto sonso, não pode confiar! dizia Mui na gaiatice.

Então, após as recomendações aos seus dois amigos, Lia embarcou no dorso do boto tucuxi.



Eles subiram o rio Negro em alta velocidade. Passaram o canal do Cassiquiare²² e, chegando ao rio Orinoco, na Venezuela, o boto encostou à margem e sinalizou para que Lia descesse.

— Foi um prazer transportá-la, disse o botinho carinhosamente.

— Você não vai me esperar?! Como vou voltar? Fique, não me deixe!

— Eu preciso ir. Você vai descobrir como voltar, guerreira Amazona. Os seus e Tupã vão estar com você.

A pequena despediu-se do boto Alonso e seguiu seu destino.

Espreitando as laterais e entrando na mata com cuidado, tinha os olhos focados ao primeiro sinal que lhe aparecesse. Explorou por certo tempo a floresta, mas nada lhe parecia incomum.

Havia enormes frutos de cacauzeiros deitados ao chão. Cacaos gigantes! Poderia ser essa uma pista? pensou Lia. E quanto mais adentrava na mata, percebia uma enorme plantação de cacauzeiros misturados a monstruosos amapazeiros²³.

Uma coruja, pousada em um galho de um amapazeiro, chamou Lia.

— Uruuu, Uruu! Estava esperando você, Cunhantã.

— A senhora me conhece? Quem é a senhora?

— Conheço e sei de muita coisa, minha cunhantã! Chamo-me Inaiê.



22. Canal do Cassiquiare: canal que liga o rio Orinoco, na Venezuela, ao rio Negro, no Amazonas.

23. Amapazeiro: Árvore de Amapá, encontrada na região amazônica. Dentre os inúmeros produtos extraídos do Amapá, há o leite de amapá, extraído da mesma forma que o látex das seringueiras.



— Oh, Senhora Coruja Inaiê! Estou à procura de solução para os bebês peixes-boi que choram, querendo mamar em suas mães, que foram mortas pelos caçadores.

— Eu sei, Lia. A Yara me contou. A floresta amazônica está apreensiva e sofre com os filhotes.

— Não entendo por que tive que vir tão longe para buscar uma solução. O que posso fazer? Estou em meio a uma floresta de cacauzeiros e amapazeiros. Não entendo como isso pode ajudar.

A Coruja voou para o braço de Lia e começou a contar-lhe:

— Nessa enorme floresta, que é a Amazônia, moravam milhões de índios, distribuídos em suas respectivas tribos. Havia mais índios que as estrelas no céu. Entretanto, muitos males abalaram os índios. Dentre todos eles, o pior foi a chegada do homem branco à região - exploradores europeus.

Certa vez, os exploradores chegaram a uma tribo de homens guerreiros, muito fortes e valentes. Então quiseram escravizá-los. Capturaram somente os índios do sexo masculino com o objetivo de usarem a força bruta para explorar melhor a floresta e encontrar riquezas escondidas. Eles queriam especiarias, prata e ouro e, principalmente, chegar a um lugar chamado Eldorado²⁴.

Não deixaram nem os bebês. Tiraram-nos dos braços das mães. Houve resistência, matança e muito sofrimento. Os exploradores subiram o rio Negro com os homens e crianças que conseguiram capturar e, no caminho, os que choravam por falta do leite materno eram abandonados no meio da floresta.

Chegando à margem do Orinoco, houve uma grande rebelião dos índios guerreiros que queriam livrar-se das correntes para voltar e resgatar seus filhos abandonados. No entanto, pequena Lia, eles foram assas-

24. Eldorado: cidade lendária feita de ouro.

sinados aqui neste local em que estamos. Seus corpos viraram enormes pés de cacaus.

As índias que ficaram na tribo sentiram a morte de seus maridos e lançaram-se ao rio junto com as suas filhas meninas. A Lua chamou -as de volta das profundezas e pediu que elas fossem fortes. As índias, aos prantos e com os seios doloridos pelo leite que brotava para os seus filhos abandonados, responderam à Lua que não poderiam viver sem seus filhos e maridos.

Então, querida Lia, continuou a Coruja Inaiê, a Lua passou a imagem da batalha dos guerreiros em um lago que se fazia espelho d'água. Eles apareciam lutando para voltar e resgatar seus filhos abandonados.

Vendo aquelas imagens, as índias foram invadidas pelo sentimento guerreiro de seus maridos e vontade de salvar seus filhos. No espelho d'água, a Lua autorizou que elas encontrassem o espírito dos seus amados e, naquele momento, árvores enormes de amapazeiros nasceram no chão em que os guerreiros foram mortos e juntaram-se aos gigantes pés de cacaus.

Das raízes das duas árvores, nasciam olhos d'água que inundaram esse solo em que pisamos... Imagine, pequena Lia, do quê? De chocolate!

Esse delicioso chocolate, que brotava dos pés das duas árvores, criou uma enorme enxurrada e abriu um canal para encontrar o rio Negro - o canal do Cassiquiare. Assim o chocolate foi ao encontro dos filhos dos índios abandonados, que sofriam na mata. O choro cessou e os pequenos índios receberam a mistura de seus pais como alimento que os fortificou para toda a vida e os livrou da tristeza do abandono.

As índias seguiram, na certeza de que seus filhos estavam a salvo da violência dos exploradores e na companhia dos espíritos dos pais. Sozinhas, criaram as filhas, tendo de fazer as tarefas masculinas e defender a tribo dos invasores.

Colocaram faixas apertadas nos seios e tornaram-se arqueiras.

Quando pariam meninos, elas os deixavam na mata com os pais, com medo de que os exploradores os encontrassem na aldeia e os levassem como escravos novamente.

Quando os exploradores passavam à margem do rio e viam as guerreiras de seios contidos, com arcos e flechas nas mãos, diziam: *São guerreiras, como as Amazonas da lenda grega*²⁵. *Elas matam seus maridos e filhos homens e cortam os seios. Trata-se de uma tribo de mulheres violentas e masculinizadas.*



Assim, esses boatos os faziam fugir amedrontados e a não se atreverem a guerrear com as Amazonas.

Os índios e as índias foram separados como meio de enganar os exploradores. Encontravam-se, apenas, em um ritual secreto, o Ritual da Lua Cheia, que consistia em estarem em um lago, mulheres de um

25. Amazonas: na mitologia grega, eram guerreiras que lutavam como homens. Viviam em uma sociedade matriarcal. Os exploradores, embasados nessa mitologia, pensavam ser as guerreiras indígenas iguais às gregas.

lado e homens do outro. Lançavam-se na água e as índias davam um muiraquitã para o seu par escolhido. Depois, os homens voltavam para se esconderem junto aos seus filhos. E assim foi por muitos anos.

— Senhora Coruja, eu venho da tribo das Amazonas. Minha tribo foi atacada. Atearam fogo em tudo. Todos foram para o Céu com Tupã, e eu só não morri porque fiquei escondida dentro de um pote de barro.

— Eu sei, Lia. Você, como cunhantã, ainda não tinha idade para saber o segredo das Amazonas. Aconteceu essa destruição na sua aldeia antes que você soubesse, acabando com as memórias de seus antepassados.

— Eu nunca soube o que é um pai, até encontrar meu pai José. Minha mãe e avó eram tudo para mim. Não sabia o que era sofrer até aquele momento.

— A floresta ouviu o seu pranto. E quando seu coração chorava, ouvimos outro lamento ao mesmo tempo.

— Outro lamento? Alguém, além de mim estava escondido e sobreviveu?

— Não. Todos da tribo, com exceção de você, morreram. No entanto, havia alguém que lutava para sobreviver na floresta. Alguém que só tinha um fiapo de vida.

— Meu pai José?!

— Isso mesmo, Lia! Quis o destino que vocês se encontrassem por meio do sofrimento. E do sofrimento brotou um amor imenso, de pai e filha.

— Ai, Senhora Coruja! Como sinto saudades do meu pai José. Por que há tanta maldade e sofrimento nesse mundo abaixo de Tupã?

— Verdade, Lia. Há muita maldade nesse mundo. Seus irmãos conseguiram sobreviver, por longos anos, escondidos e errantes na mata. Mas, há muito tempo, não há notícias de que ainda exista algum filho

homem nascido de uma Amazona. Você, como a última Amazona, pode evocar os espíritos dos seus antepassados e pedir que eles alimentem com o chocolate os pequenos peixes-boi e acabem com o sofrimento dos filhotes. Afinal, no chocolate, há tanto amor que toda a tristeza dos filhotes irá desaparecer. — Como faço isso?! perguntou Lia, fechando os olhos. Mas, ao abri-los, a coruja Inaiê havia sumido.

Lia, sem saber o que fazer, sentou-se debaixo de um amapazeiro enroscado a um gigante pé de cacau. Curiosa, passou suas pequenas mãos no tronco das árvores entrelaçadas. — Que surpreendente! Duas árvores em uma. Mágica de Tupã!

Se Mui e Çaçã estivessem aqui, poderiam ajudar-me. Çaçã, com certeza, me diria como evocar os espíritos dos meus ancestrais. Olhando para cima e admirando a gigante copa das árvores, lembrou-se da sua mãe girando de mãos dadas com ela. Seus cabelos longos e pretos voavam pelo ar, e Lia voava com eles. Eram como os galhos daquela enorme árvore que dançavam na ventania, que ocorria naquele momento.

O vento começou a correr entre as árvores: pareciam guerreiros correndo ao encontro da luta. Com a força do vento, Lia precisou segurar-se às raízes expostas daquela imensa árvore.

Aos poucos, o vento amansou e Lia sentia sua mão úmida. Levou o líquido à boca: o sabor era maravilhoso. Era o chocolate! Começava a brotar o delicioso chocolate, que vinha das Amazonas. O líquido encharcou todo o solo até provocar uma imensa inundação.

Lia deixou-se levar pela enxurrada que desaguou no rio Orinoco e passou pelo canal do Cassiquiare, indo encontrar o rio Negro. O chocolate alagou as terras ribeirinhas e levou Lia até o seu destino em uma pororoca²⁶ de chocolate.



26. Pororoca: fenômeno natural que acontece na Amazônia, que se caracteriza por imensas ondas.



O chocolate chegou, com a noite, ao lago em que estavam os filhotes desesperados para se alimentarem. Ao provarem o chocolate, os peixes-boi nadaram alegres de felicidade. E Lia nadava junto, satisfeita pelos bebês estarem a salvo.

Sob o luar amazônico e saboreando o delicioso chocolate, Lia contou, com entusiasmo, a Çaçá e Mui, o segredo das Amazonas, como fizeram para salvar seus filhos e todos os outros detalhes que a coruja Inaiê lhe havia relatado.

— Então, a coruja Nenê continua fofqueira e dando conta da vida de todos, ironizou o sapo, referindo-se a Inaiê.

— Inaiê é uma historiadora, uma sábia coruja, seu sapo ignorante! disse Çaçá.

— Eu sei, ranzinza tartaruga. Graças a Tupã e aos espíritos das Amazonas, deu tudo certo! Meu ouvido já não aguentava tanto choro, disse o sapo aliviado.

— Deixe de reclamar, sapo chato! Aproveite o delicioso banho de chocolate. Deve fazer bem para a pele, dizia Çaçá, lambuzando a cara.

— Ah, sim! Com certeza, deve fazer bem para a sua pele enrugada, disse o sapo Mui, caindo na risada.

Para surpresa de todos, de repente, a mãe Yara junta-se a eles no lago.

— Mãe Yara!? Veja quanto chocolate!

— Estou vendo, Lia, disse Yara sorrindo e levando à boca o chocolate. É muito gostoso.

— Chocolate das Amazonas. Mágica de Tupã!

— Sim, Lia. É a mágica de Tupã. E repare, minha pequena Amazona, que a correnteza não cessou.



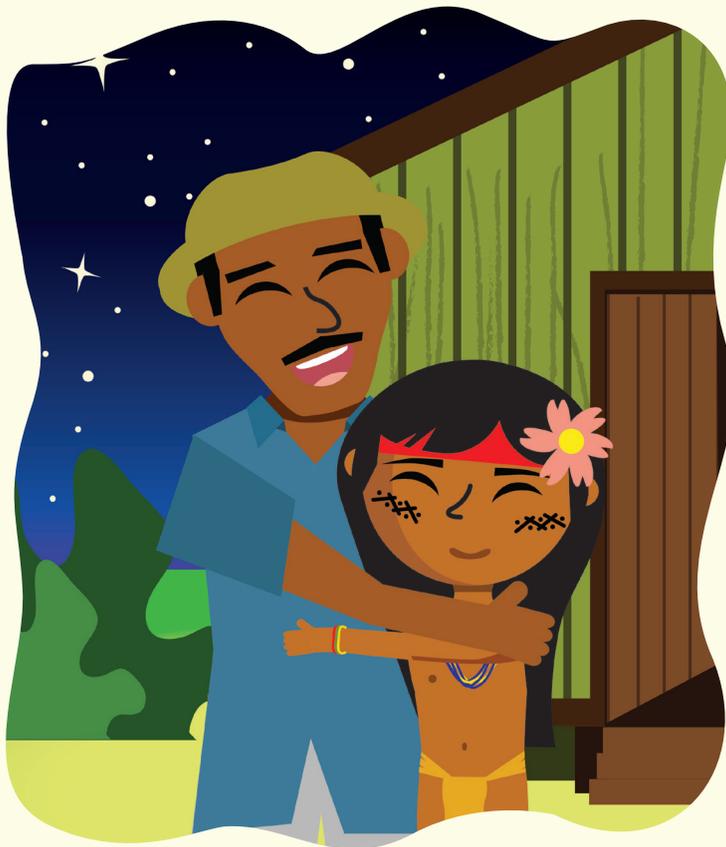
— Verdade! certificou-se Lia, observando o chocolate que continuava a descer com o rio Negro. Por que será?

Naquela hora, Yara foi para bem próximo de Lia, acarinhou seus cabelos e disse que ela precisava seguir até o lugar em que a correnteza a levasse. Lá, então, seria o seu destino.

— Deixe a correnteza levá-la, deixe que os seus indiquem o caminho! Vá Lia, vá! dizia Yara, com sua linda voz.

— Lá vamos nós de novo! Quando eu estou me divertindo, tenho de ir embora, dizia o sapo, jogando beijos e piscando para Yara.

Lia beijou cada filhote de peixe-boi, agradeceu à sua Mãe Yara, pegou seus amigos, o sapo e a iaçá, e mergulhou na correnteza.



Viajou naquele chocolate até a correnteza amansar e parar em frente à choupana de sua família adotiva. Mais adiante, podia ver José em frente à casa. Caminhou até ele. E quando ele a viu, foi em sua direção, alegremente, abraçando-a e beijando-lhe o rosto.

— Não demorou tanto, disse o seu irmão adotivo, que estava próximo.

— Para mim, foi uma eternidade, salientou José.

— Para mim, uma grande aventura, disse Lia, abraçada ao pai, e dizendo-lhe que estava morrendo de saudade.

— Também, minha filha! Minha doce indiazinha.

Lia percebeu que o seu lar era ali. E por mais hostil que a vida parecesse, seguiria forte com o amor dos seus antepassados, do seu pai José e dos seus amigos.

Ela entendeu que poderia aprender inúmeras coisas sem perder a história e o sentimento dos seus ancestrais. E, aos poucos, sua família adotiva entendeu que todos faziam parte de um mesmo destino, cujas vidas se cruzaram para ajudarem uns aos outros.

Além de Çaca e Mui, Lia agora também contava com os filhotes de peixes-boi, que, periodicamente, a visitavam. Havia ainda um monte de novos amigos, que ela ganhava a cada nova aventura.

Cabeça erguida, olhos atentos, cabelos ao vento e coragem de guerreira Amazona para enfrentar os novos desafios da vida.



Amor Garantido

O vermelho da rosa,
É o vermelho do sangue,
É do boi quando roda,
E traduz dança de amantes.

Não quer ser cor da guerra,
É o vermelho que espera,
A união das nações,
Como o Negro e o Solimões.

O vermelho da rosa,
É o vermelho do sangue,
É do boi quando roda,
E traduz dança de amantes.

Não quer ser cor da guerra,
Brincadeira da terra,
União das nações,
Como o Negro e o Solimões.

Gira meu Boi Garantido para o mundo inteiro,
Com teu encanto, teu amor, a beleza da tua cor, Por quê?
O vermelho que mexe contigo é o Boi Garantido.
O vermelho que mexe contigo é o Amor Garantido.
O vermelho que mexe contigo é o Boi Garantido.

Meu vermelho, meu verso,
Cor igual nosso sangue,
Do amor que transborda,
Nas fronteiras mais distantes

Não é cor de rivais,
Somos todos iguais,
De uma gente que sonha,
Com uma unida Amazônia.

Amor Garantido

System 1: C#m, G#m7, Amaj7, G#m7 (triplets)

System 2: F#m7/11, G#m7, Amaj7, B, Dmaj7, A/B

System 3: E9, F#m7/11, E9, F#m7/11

System 4: E9, C#m7, B, A/B

System 5: E9, A/E, C#m7/9

System 6: A/E, C#m7/9, B, E9, E9, A

Mãe Yara

Mãe Yara!
Vem do fundo das águas,
Nos envolve em teu peito,
E em tudo dá jeito
Com teus braços d'água.

Mãe Yara!
Ouve nosso lamento,
Não temos mais tempo,
Protege e nos guia
Com a linda magia
Dos teus olhos d'água.
Mãe Yara.

Mãe Yara!
Acolhe e acalma,
Alivia as dores
Do labor constante
Dentro das tuas águas

Mãe Yara
Nos leva contigo
Para o céu dos aflitos,
E mostra a alegria
Do azul infinito
Dentro das tuas águas
Mãe Yara ...

Mãe Yara

The musical score for "Mãe Yara" is written in 4/4 time and consists of four systems of music. Each system includes a guitar chord chart on the upper staff and a melodic line on the lower staff.

System 1: The guitar chord chart shows chords *Dm*, *C*, *B \flat* , *A 4 /(9 \flat)*, and *A*. The melodic line begins with a double bar line and a repeat sign, followed by a sequence of eighth notes.

System 2: The guitar chord chart shows chords *Dm 7* , *C*, *B \flat* , *Gm 7* , *A 4 /7*, and *A*. The melodic line continues with eighth notes and quarter notes.

System 3: The guitar chord chart shows chords *Dm 7* , *C*, *B \flat* , *Gm 7* , *B \flat* , *A 4 /7*, and *A*. The melodic line features a change in tempo to 2/4 and then back to 4/4.

System 4: The guitar chord chart shows chords *Dm 7* , *C/D*, *Dm 7* , *C/D*, and *Dm 7 Fim!!!*. The melodic line concludes with a final cadence.

Sobre a Autora



Dina Arce, natural de Manaus, advogada, Diretora da Mesa Redonda Panamericana de Manaus, organização registrada oficialmente junto à Organização dos Estados Americanos - OEA. Escreve poemas, contos e músicas desde os oito anos de idade. Seus contos são sobre diversos temas, inclusive a Amazônia. Alguns baseados nas histórias e lendas da região que acompanharam sua infância. “Quando criança, conheci a Amazônia que morava no coração da minha avó. Essas lembranças da infância da minha avó no interior do Iranduba compartilhadas comigo são dignas de um livro. O livro *A Última Amazona* tem o objetivo de compartilhar com o universo infantil um pouco desses sentimentos e recordações”.

 /PanAmazonia

 /bernardina.limaarce

 info.panamazonia@gmail.com

Associação Panamazônia

Este livro é uma publicação da Associação Panamazônia, organização não governamental, com sede em Manaus, com a missão de promover o ideal da integração e cooperação pan-amazônicas, assim como a valorização da cultura dos povos amazônicos, como instrumentos para o desenvolvimento regional.



Operamos como uma rede que une indivíduos, instituições e empresas da Amazônia continental, todos comprometidos com o ideal de fortalecer a Amazônia por meio do estreitamento de laços e de intercâmbios em diversas áreas.

Seus objetivos são implementados por meio de atividades que envolvam participantes dos nove estados da Amazônia brasileira e dos oito países da Amazônia continental. Para tanto, realizamos seminários, palestras, cursos, publicamos livros, organizamos exposições artísticas, e concedemos prêmios honoríficos a pessoas e organizações amazônicas de destaque.

Graças aos esforços da Associação Panamazônia, as temáticas pan-amazônicas têm-se tornado conhecidas dos formadores de opinião e do público em geral, e constituiu-se uma verdadeira rede regional-continental que permite realizar muitas ações com mínimos recursos e máximos resultados.

Financiamos nossas atividades sem recorrer a recursos públicos, mantendo-nos apenas com contribuições dos associados, com a venda de livros que editamos, e com patrocínios de empresas privadas.

Nosso lema é: Por uma Amazônia ativa, integrada e forte!